

# **A CARROÇA E O BONDE: ENCONTROS E DESENCONTOS CULTURAIS NA BELÉM DA BELLE ÉPOQUE.**

**RAIMUNDO WILLIAM TAVARES JÚNIOR<sup>1</sup>**

## **1. Breves Palavras Iniciais:**

Este trabalho é uma parte do primeiro capítulo da Tese de Doutorado em História Social intitulada: **A Escola na Cidade e a Cidade na Escola:** a Escola Normal entre 1890-1920 e o processo de modernização da cidade de Belém do Pará. A pesquisa está sendo realizada pelo Programa de Pós Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo a ser defendida em fevereiro de 2012, tendo como orientadora a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Estefânia Knotz Canguçu Fraga.

Procura-se rastrear aqui as transformações ocorridas em Belém do Pará, principalmente entre 1890-1911, dentro do processo de modernização acelerada onde diversos sujeitos sociais de temporalidades e espaços diferenciados buscam formas de convivência. Procurou-se utilizar como referencial teórico, em relação ao conceito de cultura e práticas culturais relacionados ao processo de modernização os denominados Estudos Culturais.<sup>2</sup>

O período compreendido acompanha um movimento mais intenso de intervenções urbanas em função da proclamação da república e a conseqüente descentralização dos recursos que, durante a fase monárquica, eram centralizados na Corte. Some-se a isso, o aumento de recursos provenientes das taxas cobradas pelo governo estadual pela exportação, principalmente do látex, em função do aumento da produção da borracha, atendendo a uma crescente demanda internacional.

## **2. As transformações do espaço urbano.**

---

<sup>1</sup> Doutorando pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, bolsista da Capes.

<sup>2</sup> Entendem-se como Estudos Culturais uma série de trabalhos realizados ou uma formação discursiva, segundo Stuart Hall. Para este autor, os “estudos culturais [seriam] uma área onde diferentes disciplinas interagem, visando aspectos culturais da sociedade. p.137. Para saber melhor: (HALL, 2008); (ESCOSTEGUY, 2006), para quem, segundo Hall, os principais autores nesse campo trabalhados nessa pesquisa são: Raymond Williams, Thompson, Hoggart e mais recentemente (Martin-Barbero, 2008) (GARCIA CANCLÍNI 2008). Ainda segundo Hall, os Estudos Culturais surgem após uma discussão a respeito do marxismo ortodoxo nos anos 50, na Grã Bretanha. São fundamentais nesse grupo os conceitos de cultura e hegemonia utilizados ao longo desse trabalho.

A cidade onde se instalou a Escola Normal chama-se Santa Maria de Belém do Grão Pará. Em 1890 contava com uma população de 50.064 pessoas.<sup>3</sup> Cidade quase ilha<sup>4</sup>, ou numa referência poética de Fábio Castro: “a cidade crescia ...espalhava-se na forma de um seio feminino”, (CASTRO, 2010: 158) com seus encontros culturais multiétnicos em função de uma grande imigração. Cidade com seus inúmeros cheiros como os de peixe e frutas de deliciosos e exóticos aromas, encontrados nos mercados públicos como o de Ver-o-Peso, situado à beira da baía; o de cheiro de manga e de terra ensoxada após as chuvas da tarde<sup>5</sup> ou ainda as fragrâncias à base de pau-rosa ou patchuli, sem falar dos perfumes franceses e ingleses, contrastando com o suor dos inúmeros ambulantes que percorriam a cidade e insistiam na sua presença nas inúmeras fotografias do período, embora o objetivo fosse afirmar os ícones da modernidade e civilização com seus prédios, praças avenidas e bondes. (PANTOJA, 2005).

A sua fundação ocorreu em 12 de janeiro de 1616 por Francisco Caldeira Castelo Branco dentro do processo de expulsão dos franceses de São Luís do Maranhão e do período de união entre a coroa espanhola e a portuguesa, flexibilizando o Tratado de Tordesilhas. Foi implantada em território dos índios tupinambás que reagiram violentamente à ocupação, colocando em risco, em alguns momentos, o projeto colonizador. Pouco a pouco, a cidade torna-se um pólo de exportação das chamadas drogas do sertão – coleta de produtos extraídos da floresta como canela, cravo,

---

<sup>3</sup>(Ministério da Agricultura, Industria e Commercio – Diretoria Geral de Estatística,1926). Lembrando que o município abrangia uma área maior que a atual, da qual saíram inúmeros outros como Ananindeua, Marituba, Santa Isabel, Inhangapi, Castanhal, etc. A população do estado do Pará era de 328.455 pessoas. Belém, ainda segundo o censo de 1890 era a 6ª cidade em população superada pelo: Distrito Federal, 522.651 pessoas; S. Salvador 171.412; Recife 11.556; São Paulo 64.934; e Porto Alegre com 52.421. Em 1872, enquanto o Pará tinha 275.237 pessoas, Belém havia 61.997; Em 1900, o Pará aparecia com 445.356 pessoas e Belém com 96.560 e em 1920, o primeiro tinha 983.507 indivíduos, enquanto que a cidade tinha 236.402. IBGE– Sinopse do recenseamento de 1920 Apud. (SARGES, 2000:90). Para (CASTRO, 2010:16) a população de Belém cresceu entre 1860 e 1920 cerca de 1.200% “De cerca de 18 mil habitantes no final da guerra civil de 1835, passou a contar com um número em torno de 180 mil em 1912.” Para esse mesmo autor, Belém, em 1905, com uma área de 40.156.568 m<sup>2</sup>, 24.103.972 m<sup>2</sup> de área edificada, tinha 53 ruas e avenidas, 52 travessas e “um número incalculável de ‘corredores’ e pequenos caminhos atualmente chamados de estivas, 22 largos, 790 construções assobradadas...9.152 prédios,2.600 pequenas casas e onze grandes trapiches nos portos”. (CASTRO, 2010:138).

<sup>4</sup>Na verdade, uma península banhada pela Baía do Guajará, por sua vez formada pelo rio Pará, Guamá e Capim. Cortados por inúmeros pequenos rios ou igarapés. Ver foto nº1, na qual a cidade de Belém aparece banhada pelas águas barrentas da Baía de Guajará.

<sup>5</sup>A referência foi da mãe do autor dessa pesquisa ao chegar em Belém pela primeira vez no final dos anos 40 do século passado e que ficou indelevelmente em sua memória, essas representações da cidade.

salsaparilha, andiroba, pimentas etc – sob a direção de diversas ordens religiosas situadas às margens do rio Amazonas e seus afluentes como os mercedários, carmelitas, franciscanos e, principalmente, os jesuítas. A cidade torna-se capital do Estado do Maranhão e Grão-Pará que abrangia a Amazônia atual e parte do Piauí e Ceará.

Em 1751, Belém torna-se a capital do Estado do Grão Pará e Maranhão e sofreu um processo de intervenção. Constituída pelo o bairro da Campina, além do núcleo original que passará a ser denominado de Cidade Velha. A reforma se inseriu dentro do contexto da política pombalina para o Estado do Grão-Pará e Maranhão que expulsou e estatizou os empreendimentos das ordens religiosas. Os indígenas foram os principais atingidos pelas mudanças e, embora do ponto de vista da Coroa portuguesa, fossem considerados livres e se estimulasse os casamentos interétnicos, continuavam sendo a principal mão de obra em regime de trabalho compulsório, junto com a escravização dos negros. Foram inúmeras as fugas e constituição de quilombos multiétnicos e, inclusive, a ocupação de espaços na cidade de forte presença africana como os bairros do Umarizal e do Jurunas. Esses elementos étnicos oriundos de diversos grupos de brancos, principalmente portugueses e, no século XVIII portugueses açorianos; diversos grupos negros e diversos grupos indígenas entraram em contato entre si de diversas maneiras, compondo uma cultura extremamente híbrida e rica sob a hegemonia dos brancos e de grande resistência em alguns momentos de setores subalternos, compostos basicamente por afroindígenas<sup>6</sup>.

O principal confronto envolvendo basicamente, mas não necessariamente, brancos de um lado e grupos afroindígenas de outro, se daria num conjunto de revoltas conhecido como Cabanagem mais ou menos entre os anos de 1835-1840<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Para o conceito de afroindígena ver: (PACHECO, 2009:15, a respeito desse conceito o autor afirma que “ tornou-se possível, então, cunhar a expressão ‘*afroindígena*’ para evidenciar como, na Amazônia Marajoara, é quase impossível discutir a presença africana descolada de relações, interações e redes de sociabilidades tecidas com grupos nativos da região.” Para o período compreendendo os séculos XVII e XVIII: (GOMES, Flávio dos Santos & QUEIROZ, Jonas Marçal, 2000), (SALLES, 2005); (VERGOLINO-HENRY, & FIGUEIREDO, 1990). FONTES, Edilza (org.) **Contando a História do Pará**. Da conquista à sociedade da borracha. Vol. I. Belém: E. Motion, 2002; (SARGES, 2000).

<sup>7</sup> São inúmeros os trabalhos a respeito da Cabanagem a partir do clássico de Domingos Antonio Rayol, *Motins Políticos*, ainda do século XIX. Sem entrar numa densa discussão que surge a partir daí, reportar-se a Tese de Doutorado em Antropologia de Ana Renata do R. de Lima Pantoja, intitulada – **Terra de Revolta** : campesinato, experiências socioculturais e memórias cabanas entre a voz e a letra defendida em 20 de dezembro de 2010 em Belém Pará, no Laboratório do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará. Na defesa foi debatido pela banca o caráter complexo da revolta. A autora cita caso de negros escondendo seus senhores brancos, difícil de alcançar em rígidos marcos cronológicos e numa única revolta.

Com o apoio da exportação da borracha, cacau e outros produtos, a cidade de Belém do Pará passou, desde a década de 1840, por vários projetos e ações de intervenção do espaço urbano em decorrência da aceleração econômica baseada na exportação da borracha, evidenciando uma modernização e modernidade acelerada.<sup>8</sup> A cidade avança em direção a sua primeira légua patrimonial criando um novo bairro, o Marco da Léguas. As transformações do espaço urbano e o processo de modernização podem ser rastreados em inúmeros relatórios e mensagens de presidentes provinciais e governadores.

A opção de começar analisando esse tipo de documentação – que era uma espécie de prestação de contas, apresentado pelo Poder Executivo ao Legislativo anualmente, inclusive para aprovação de suas ações e autorização para outras, além de submeter o orçamento do próximo ano e justificar o uso de recursos extras –<sup>9</sup>, se dá em função de serem documentos que procuram enfatizar as realizações consideradas positivas dos presidentes e governadores e esconder as que poderiam comprometer sua competência e do seu partido que estava em permanente ataque na imprensa oposicionista.

Está-se plenamente consciente que se trata de documentos oficiais e, portanto, imbuídos do olhar das autoridades e conseqüentemente das elites. No entanto, acredita-se também que podem ser lidos, como todo documento, a contrapelo e possibilitando vislumbrar modos de vida dissidentes dos esperados por essas mesmas elites, ainda que e, principalmente, quando esses comportamentos são tratados de forma negativa.

O processo de modernização que a cidade conheceu teria sido acelerado, pela proclamação da república porque “... enfatizando a descentralização deu maior autonomia à aplicação dos impostos, além de conceder ao Estado maior participação na

---

<sup>8</sup>Está se reportando aqui a discussão a respeito de modernidade, enquanto processo contraditório e excludente em que o tradicional convive com o novo e não é repartido de forma uniforme por todos os sujeitos sociais e em modernização a aspectos tecnológicos que não necessariamente provocam mudanças em práticas culturais. (GARCIA-CANCLINI, 2008).

<sup>9</sup> Constituição do Estado do Pará, promulgada em 22 de junho de 1891, publicada no Diário oficial do Estado de 23 de Junho de 1891, No item 4 do artigo 35 do Capítulo IV: Das Atribuições do Poder Executivo encontra-se e “ Enviar ao Congresso, [poder legislativo estadual composto por uma câmara de deputados e de um senado] no princípio de cada sessão legislativa, uma mensagem em que dará conta dos negócios do estado e indicará as providências reclamadas pelo serviço publico.” Após a Reforma da Constituição de 1891, Promulgada em Setembro de 1904 e publicada no Diário Oficial do Estado de 02

de Setembro de 1904, o artigo passa a ser o 38º.

renda corrente à exportação da borracha” (SARGES, 2000: 91-92). Embora o móvel principal fossem as áreas da cidade voltada aos negócios e as habitações das elites, foram também efetuadas obras de aterro na parte “das zonas mais baixas... todo o bairro de Batista Campos, Marco, Cremação, Guamá, Telégrafo, Umarizal e São Brás. (SARGES: 2000: 119).

Segundo relatório de Huet de Bacellar Pinto Guedes de 24 de junho de 1891, em relação ao processo de modificações no espaço urbano de Belém, previa-se a execução de obras para esgoto. Havia galerias de esgoto, mas acabavam funcionando como ‘fossas fixas’, segundo parecer da Companhia das Águas. (p.36). Afirma-se ainda que a Intendência comprou um forno crematório, que haveria um projeto da futura iluminação à gás, e obras no Largo da Pólvora, para inauguração de um monumento à República, a reinauguração do Bosque, e o estudo para o calçamento da estrada de S. Jerônimo.(p.55). Essas obras, em projeto, ou em andamento no espaço urbano, refletiam o desejo de modernização na qual a recriação da Escola Normal fazia parte, e seriam colocadas em prática graças principalmente aos recursos provenientes dos impostos cobrados da exportação da borracha e em menor volume da exportação do cacau e da castanha.

Em 1912 havia na cidade 6 distritos, cada um coordenado por uma prefeitura policial. O primeiro distrito englobava o núcleo inicial, ou Cidade Velha, onde estavam instalados os principais prédios públicos. A principal avenida era a 16 de Novembro. As famílias tradicionais moravam nas ruas: Dr. Assis e Dr. Malcher, O segundo distrito, já falado anteriormente englobava o Bairro da Campina e o do Reduto, onde ficava o Ver o Peso, uma enorme feira que existia desde o período colonial, à beira do porto, e as docas do Reduto. Nesse distrito também começava a ganhar corpo um conjunto de habitações populares que daria origem aos bairros atuais do Telégrafo e Sacramento. (CASTRO, 2010: 138-142).

O terceiro distrito abrangia desde a Praça da República, antigo Largo da Pólvora, onde se situava o Teatro da Paz, fundado em 1878, o Grande Hotel e a sede da Província do Pará. O largo era um local de divertimentos e de um teatro popular e mesmo, após a criação do Teatro da Paz e da remodelação Praça da República, um local, de diversões, ajuntamento e mesmo de moradias populares. Além da Praça da República, esse distrito abrangia a Praça Batista Campos, em cujas imediações situava-se o antigo cemitério da Soledade, e também inúmeras habitações de luxo. (CASTRO, 2010: 138-142).

O quarto distrito abrangia o bairro de Nazaré e as avenidas de Nazaré, São Jerônimo, São Braz, Generalíssimo Deodoro, antes uma área rural e agora ocupada por palacetes e sobrados da elite. O bairro do Umarizal, antiga área de negros, fazia parte também desse distrito, assim como o de São Brás, Guamá, Queluz, ocupado por imigrantes nordestinos, e Marco, onde ficava a o principal ramal da estrada de ferro Belém-Bragança, na Avenida Tito Franco de nove quilômetros de extensão. Nessa grande avenida estavam o bosque municipal Rodrigues Alves, o Instituto Lauro Sodré, o asilo da mendicidade e dos alienados e novas quintas e granjas dando um ar meio rural ao bairro.<sup>10</sup> Os quintos e sextos distritos abrangiam os subúrbios da Pedreira, Sacramento, do Telégrafo e do Marco.

Acompanhando um pouco o olhar dos sucessivos governadores<sup>11</sup> em relação às intervenções urbanas que a cidade estava sofrendo, principalmente entre 1890 e 1910 podem-se perceber alguns posicionamentos a respeito:

Em 1890, no governo provisório do Dr. Justo Chermont<sup>12</sup>, a cidade está a sete anos de iniciar a sua mais profunda intervenção conduzida pelo intendente Antônio José de Lemos<sup>13</sup>. Cidade às margens da Baía do Guajará, multiétnica, como foi falado anteriormente, sob um forte processo migratório tanto de interioranos, quanto de todo o

---

<sup>10</sup> É oportuno lembrar que dentro do espaço urbano propriamente dito evidenciam-se aspectos trazidos de práticas que dialogam com o mundo rural, seja por parte das elites, como também e principalmente em bairros populares, onde se encontram recomposições de formas de morar e redes de sociabilidade e lazer que são oriundas do mundo rural.

<sup>11</sup> Optou-se aqui em fazer um levantamento exaustivo nessa documentação em relação ao discurso sobre a intervenção na cidade. Essas evidências servirão como contraponto ao material sobre o governo municipal, principalmente do período lealista, bastante trabalhado por: (PANTOJA, 2005); (SARGES, 2000) e (ROCQUE, 1996).

<sup>12</sup> Nascido em 27 de junho de 1857 em Belém, foi diretor de instrução pública no império, na década de 80. (23 de novembro de 1889), fundador do Club Republicano em 1886, e o Jornal A República em 1888, deputado provincial em 1886. Em 1888, foi eleito presidente do clube republicano. (Diário de Notícias 26 de novembro de 1888). Chefe do governo provisório de novembro de 1889 e Governador do Pará entre 1890-1891. Positivista não ortodoxo, republicano conservador e maçom (COELHO, Geraldo Mártires: “ O espelho de Clio” In: COELHO, **O Violino de Ingres**, Belém, Paka-Tatu, 2005., p. 131 e **No Coração do Povo: o monumento à República em Belém 1891-1897**. Belém: Paka-Tatu, 2002., p. 34.

<sup>13</sup> Sobre o processo de reforma urbana, modernidade e modernização em Belém e Manaus ver entre inúmeros trabalhos: (SARGES, 2000) e (DAOU, 2000). Em relação aos conflitos e composições: (PANTOJA, 2005). LACERDA, Franciane Gama. "Infância e imigração no Estado do Pará (final do século XIX, início do século XX)" IN: BEZERRA NETO, José Maia & ALENCAR, Décio de. (orgs.) **Terra Matura**. Belém: Paka-Tatu, 2002, (SALLES, 2004). Especialmente interessante é o trabalho recente na área de comunicação de (CASTRO, 2010), embasado nos trabalhos de Marshall Berman, Walter Benjamin a respeito das sensações trazidas pela modernidade em cidades periféricas, especificamente em Belém. (SILVEIRA, 2010).

Brasil, principalmente da região Nordeste e até mesmo do exterior. Nesse último caso principalmente de portugueses e espanhóis. Nesse caldeamento, se enfrentarão modos de vida diferenciados e híbridos em constante tensão e composições sejam entre classes, etnias e raças.<sup>14</sup>

Segundo o Relatório do Governador Huet de Bacellar Pinto Guedes de 24 de junho de 1891 a reforma do Museu [de história natural] foi importante para promover o: “progresso material, porém ainda mais o desenvolvimento intelectual e moral do estado... os museus como... em todos os países civilizados que podem servir-nos de exemplo”. (p.29). Nesse trecho, depara-se com o olhar das elites nacionais e locais a respeito da opinião dos centros considerados ícones do progresso e civilização como a Europa Ocidental (especialmente França, Grã-Bretanha, Alemanha) e os Estados Unidos<sup>15</sup>.

Não há como não refletir aqui a respeito do aspecto relacional da construção da identidade envolvendo colonizador e colonizado encontrado em Bhaba em que a identidade é construída pela interação entre ambos. Lynn Mario T. Menezes de. op. cit. para quem “...Bhabha não separa a construção da identidade do colonizado da construção da identidade do colonizador; entendendo esse processo relacional como algo ‘agonístico’ e ‘antagonístico’”, (SOUZA, 2004:121).

Nesse aspecto de reverência ao estrangeiro, misturado ao discurso higiênico e civilizador, sustentáculo da racionalidade colonizadora, é interessante verificar a fala do governador João Coelho de 7 de setembro de 1910 a respeito da febre amarela:

---

<sup>14</sup> GARCIA CANCLINI, Nestor. Op.Cit., de onde se utiliza o conceito de hibridação que engloba mestiçagens, sincretismo e fusões musicais, num processo em que culturas se encontram e se afastam, podendo formar uma composição nova e em constante movimento.

<sup>15</sup> FREIRE em **Ordem e Progresso**, referenda essa opinião bem como o fascínio exercido pelo estrangeiro entre nós e o papel das prostitutas estrangeiras de luxo, entre outras, das grandes capitais em ensinar hábitos de higiene, comportamento aos rapazes e senhores das elites: “E a época [últimas décadas da monarquia e as primeiras da república] – pelo menos nas Capitais – de extrema idealização da figura do ‘estrangeiro’ como pessoa superior em assuntos de comportamento em sociedade elegante ou de estética urbana; superior aos nacionais e aos iberos. p.240 Até nos anúncios de jornais refletia-se essa tendência, dizendo-se de uma ‘excelente casa’, por exemplo que era ‘própria para uma família estrangeira’ citando :FRANÇA JR. *Folhetins*, 4<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, 1926, p.652 apud Freire p. 279, nota de rodapé: ‘o estrangeiro era, então, para alguns brasileiros ‘a unidade do belo, do útil, do conforto, do que é bom’. Ainda Freire: “...atrizes, cantoras, modistas, caixeiras de lojas elegantes, também se afirmaram às vezes naqueles decênios, em sua qualidade de *cocottes*, mestras de civilidade, de polidez e de refinamento de muito brasileiro ainda rústico, a despeito da ourama no banco ou do anel de bacharel ou de doutor no dedo” pp.240-241. Apud: FREYRE, Gilberto. “Ordem e Progresso: introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil” In: (SANTIAGO, 2002: 240-241).

*“Molestia já tornada endêmica pela elevada porção de annos que constituem a sua existência entre nós,... a frequencia e virulencia com que se manifesta é um perigo constante aos não acclimatados e um phantasma que espavóre de nossa terra os elementos extranhos imprescindíveis á obra evolutiva e harmonica da civilização paraense.” (p.76)*

Irônico observar que a obra “evolutiva e harmonica da civilização paraense” citada por este governador, encontra-se nesse mesmo momento extremamente tencionada entre as duas facções rivais dentro do partido Republicano Paraense: os agora chamados coelhistas, ligados ao governador João Coelho e o grupo ligado ao senador Antonio Lemos, os lemistas. Essa tensão explodirá em dezembro de 1910 em torno da discussão a respeito das concessões municipais.

Essas modificações ou intervenções não se dariam sem conflitos, resistências, assimilações e composições entre os diversos grupos e sujeitos sociais como se pretende demonstrar no decorrer desse trabalho.

Na Mensagem de 1º de Fevereiro de 1897, o governador Lauro Sodré afirmava a construção de 41 bicas públicas, o que revela que grande parte do abastecimento de água da população era proveniente de bicas públicas e não de água encanada. Na mensagem de 1º de julho de 1897, manifestou-se sobre a importância de intervenções urbanas em Belém de caráter higiênico com o apoio do estado. Naturalmente se reportando aqui a esse processo de intensa intervenção na cidade a partir da administração do intendente Antonio José de Lemos entre 1897 e 1910 e a principal liderança política do partido do governador.

Na Mensagem do governador Paes de Carvalho de 1º de fevereiro de 1900, na p. 65, enfatizava-se a necessidade de uma reforma em Belém para apagar o passado colonial e a construção de vilas higiênicas para substituir os cortiços que seriam “formidável focos de infecção e vício de toda a espécie”, bem como o aumento do número de fontes públicas com a instalação de poços artesianos. Interessante observar que os diversos processos de remodelamento urbano em várias capitais do País implicava no combate com o que estivesse relacionado ao chamado passado colonial de forte influência lusa,<sup>16</sup> inclusive com a mudança de nomes de ruas. Em 05 de fevereiro de 1900, o governador Paes de Carvalho afirmava que estariam em estudo, a cooperação

---

<sup>16</sup> A respeito do anti colonialismo e antilusitanismo ver: Ordem e Progresso Op. Cit. e COELHO, Geraldo Martinez. “Prefácio” IN: CRUZ, Ernesto. **Ruas de Belém**: significado histórico de suas denominações, 2ª. Ed. Belém: Cejup, 1992.

entre estado e o município de Belém para o saneamento da cidade, as pesquisas sobre mananciais para abastecimento de água na capital e um projeto geral de esgotos e da reforma do porto. No seu último ano de governo na mensagem de 1º de fevereiro de 1901, nas pp. s- 20-21, relaciona as melhorias de qualidade de saúde e de vida em geral à necessidade de atrair investimentos do exterior, quando assinala: “melhoramento das condições de higiene para atrair capitais”.

Quanto às modificações urbanas efetivamente realizadas, ele notifica o: “alargamento de ruas, abertura de avenidas, ajardinamento de praças, reformas de antigas construções, elevado número de construções novas, o calçamento de grande parte da área edificada”. (p., s-21). E atribuía ao intendente Antonio José de Lemos seu aliado e chefe político a:

*“reorganização e regulamentação do matadouro, do mercado, dos cemitérios,... o exgotto, aterro e calçamento de grande número de ruas, a construção de passeios, a arborização systematica de avenidas e praças, o ajardinamento destas, a abertura e conservação de vallas e avenidas... Praça da Independência, da República [rua]Bailique...rua Padre Prudêncio e outras do centro da cidade foram calçadas de novo, e a Praça da República ...será em breve dotada de importantíssima reforma em seu calçamento...A criação do Horto de Arboricultura. A Praça Caetano Brandão ...uma das mais bellas da capital. Quasi toda a cidade, mais ou menos, acha-se drenada...digno de menção o serviço feito nos bairros de Baptista Campos, Jurunas, Umarizal, S.João e outros...o cuidado observado na limpeza pública....Ja foi inaugurada a nova usina destinada á cremação de lixo....Está em estudos a escolha de um local para um novo cemitério...estudos necessários para a construção de docas e de um novo matadouro...um serviço médico...a atender ás necessidade da inspecção sanitária do município...e o necrotério.(1899)pp.(s-1- 47-48)<sup>17</sup>*

O caráter da reforma de Lemos foi centrado na higiene, remodelamento e embelezamento urbano. As medidas de caráter higiênico consistiram em medidas de saúde pública, limpeza urbana com a cremação de lixo, forno crematório, rede geral de esgoto para o centro da cidade, principalmente, matadouro, proposta de incineração de cadáveres e necrotério. As fachadas dos principais prédios adquiriam a fachada *art nouveau*. O embelezamento da cidade consistiria na criação de boulevards, quiosques, arborização, embelezamento de praças, ereção de monumentos, calçamento de ruas, iluminação a gás e elétrica, mercados para a venda de carnes e legumes, instituição para o recolhimento de mendigos. A residência das famílias abastadas passava para os

---

<sup>17</sup>Mensagem dirigida ao Congresso Republicano Paraense pelo Governador do Estado do Pará, Dr. José Paes de Carvalho em 1º de fevereiro de 1901. **Brazilian Government Document Digitalisation Project**, Provincial Presidential Reports, Pará. Center for Research Libraries:Chicago, USA. Disponível em: <http://www.crl.edu/content/brazil/para.htm>.

bairros mais afastados do centro como Nazaré, Umarizal e Batista Campos, em ruas calçadas com paralelepípedos de granito, como no centro da cidade. O interesse seria “os hábitos e a ‘sensibilidade’ da população numa onda modernizadora” (SARGES, 2000: Capítulo 4 In passim). Nessas obras, houve a participação do capital estrangeiro na condição de empréstimos, inclusive britânico e concessões para aliados políticos e empresas estrangeiras, como a companhia de bondes, além de cobrança de novas taxas.

No período entre 1901 e 1909 a preocupação são as obras para melhoramento do abastecimento de água do município de Belém, inúmeras reformas em prédios públicos, entre elas da Escola Normal que é também ampliado, do palácio do Governo, do Asilo dos Alienados, cadeia de S. José, prédio da antiga chefatura de polícia, Instituto Lauro Sodré, Teatro da Paz, da construção do Colégio Gentil Bittencourt, inúmeros grupos escolares, além de um hospital para tuberculosos <sup>18</sup>.

*“... A nossa capital é uma das maiores cidades estabelecidas sobre o equador e nella vive uma população estrangeira numerosa; está dotada ou prestes a receber importantes melhoramentos urbanos, seus serviços públicos estão regularmente estabelecidos, suas instituições de caridade e instrução servem de exemplo pela sua optima organização e resultados proficuos...”<sup>19</sup>*

Afirmava o governador Augusto Montenegro onde se evidenciam, nesse trecho, a intensa imigração já abordada acima e terminava afirmando a continuidade das obras do porto e de um empréstimo externo para a conclusão da estrada de ferro Belém Bragança.<sup>20</sup> Iniciada, aliás, desde 1884.

## **2.1. Os diversos sujeitos sociais na cidade. Encontros culturais.**

Mas quem eram os diversos sujeitos que constituíam o espaço urbano com suas culturas diversificadas em encontros, confrontos, submissões e ressignificações?

Esses diversos moradores já tinham chamado a atenção de um viajante estrangeiro em viagem ao Brasil, Paul Adam, no livro *Les Visages Du Brésil* de 1914, cujos trechos foram traduzidos do francês.

---

<sup>18</sup> Mensagem dirigida ao Congresso Republicano Paraense pelo Governador do Estado do Pará, Dr. José Paes de Carvalho em 1897. **Brazilian Government Document Digitalisation Project**, Provincial Presidential Reports, Pará. Center for Research Libraries:Chicago,USA. Disponível em: <http://www.crl.edu/content/brazil/para.htm>.

<sup>19</sup> Mensagem do Governador Dr. Augusto Montenegro, governador do Pará de 7 de setembro de 1903 ao Congresso Estadual do Pará. Pp. 61-66. **Brazilian Government Document Digitalisation Project**, Provincial Presidential Reports, Pará. Center for Research Libraries:Chicago,USA. Disponível em: <http://www.crl.edu/content/brazil/para.htm>.

<sup>20</sup> Idem p.15.

*“... este caboclo que descalço, conduz suas mulas atrás do bonde elétrico... os dândis em ternos brancos, com anéis em seus dedos finíssimos e morenos... estes ‘doutores’, médicos, engenheiros, arquitetos ou advogados... estas senhoras e suas negras que se agrupam em vestes coloridas em frente às igrejas de duas torres onde tocam sinos ... estudantes vestidas pelos hábeis imitadores de nossos célebres costureiros... cidade de 300.000 habitantes ‘créoles’ e brancos negros e mulatos, caboclos e cafuzos, memelucos e curibocas, caraíbas, tupis e jês, todos igualmente vestidos de algodão limpo, com chapéus de palha limpa ou de feltro novo... todos igualmente satisfeitos com sua situação [...]”<sup>21</sup>*

É interessante ressaltar a temporalidade cultural entre o caboclo descalço (atrás) e o bonde elétrico. Magnífica metáfora de tempos culturais distintos que se entranham e se estranham algumas vezes na cidade. A percepção das cores de pele das pessoas e outros traços ligados aos fenótipos e das denominações a partir das diferentes misturas de tons de cores que para a linguagem da época estavam associadas às misturas raciais. A respeito de temporalidade diferente da já vivenciada pelos EUA, por exemplo, onde “tempo é dinheiro”, é significativo comparar aquele depoimento com o de outro viajante em 1892, dessa vez um norte-americano, Mr. Ballou, traduzido do inglês; Belém teria “um modo de vida que conforma-se à influência climática... “Tudo é muito vagaroso [quiet], não existe pressa” mas avaliando de forma positiva : “ Isso tudo parece a um estrangeiro ser uma verdadeira poesia de vida”<sup>22</sup>

Haveria de um lado, um grupo social que seria formado por uma: “classe de homens políticos e burocratas... os comerciantes, basicamente portugueses; os profissionais liberais, geralmente de famílias ricas e oriundos das universidades européias”. A esse grupo contrapõe o que ela denomina a “camada pobre da população” composta pelos trabalhadores de construção pública e também por “alfaiates, sapateiros, relojoeiros, marceneiros e outros”. (SARGES, 2000: 58). Deveria ser acrescentado: lavadeiras, ambulantes, estivadores, prostitutas, gatunos etc. Lembrando-se que os sujeitos sociais não necessariamente estejam mecanicamente ligados aos comportamentos esperados de seus ofícios e classes e muito menos em confrontos permanentes e inevitáveis. E embora, contrapondo-se em vários momentos, uma cultura

---

<sup>21</sup>Pp.273-275. Apud in: FREYRE, Gilberto. “Ordem e Progresso: introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil” In: SANTIAGO, Silviano.op. cit.. p.569, nota de rodapé n.25.

<sup>22</sup>FREYRE, Gilberto. “Ordem e Progresso: introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil” In: SANTIAGO, Silviano. Op.cit. pp. 599-600.

elitizada contra uma cultura plebéia, ambas podem também participar de aspectos culturais comuns sem o qual a hegemonia seria impossível.<sup>23</sup>

O crescimento acelerado da cidade contou além de uma forte imigração portuguesa e nordestina com “fluxos migratórios espanhóis, franceses e italianos, além de fluxos do interior paraense” (CASTRO, 2010: 16). Poder-se-ia acrescentar judeus e sírio-libaneses, sem falar de uma imigração dentro da própria região e do próprio estado.

A historiografia da chamada *belle époque* amazônida, como filha de seu tempo, enfatizou inicialmente as elites locais, suas articulações e conflitos e, numa outra etapa, o processo modernizador empreendido nas duas principais capitais da região Belém e Manaus, ou o que acaba sendo similar ao período anterior, a cultura das elites locais daquele espaço de tempo.

Pantoja abordou esse momento, não só como de práticas culturais das elites locais, de forma rápida, mas principalmente os modos de morar, lazer e trabalho das camadas subalternas da cidade de Belém. No entanto, se as camadas populares apresentam-se como sujeitos históricos no palco da cidade, a autora preferiu afirmar as diferenças e conflitos entre elites e subalternos do que mostrar pontos de contato e diálogo. Onde estariam os espaços de convivência? Entre patrões e empregados, por exemplo? Qual o papel dos espaços públicos e dos jornais como formadores de opiniões e comportamentos comuns?(PANTOJA, 2005)

Está se pensando aqui nos chamados Estudos Culturais e no conceito de hibridação, hegemonia que embora não neguem a dominação, permitem analisar também aspectos culturais compartilhados por populares e elites. A propósito, Pantoja mostra uma foto de uma rica senhora pertencendo a uma família abastada, coberta de jóias, com roupas finas, mas flagrantemente afroindígena. A autora percebe a mestiçagem étnica, mas não ultrapassa para o conceito de mestiçagem cultural. Elites e camadas populares parecem pertencer a mundos muito distintos. (PANTOJA, 2005:41).

Figueiredo, no seu dialogar interessante entre história e a antropologia aproxima-se mais das pontes construídas, através da cultura, unindo o universo das

---

<sup>23</sup> Não há como não lembrar aqui os trabalhos a respeito de cultura e classe social de THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum:** estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo : Companhia das Letras,1998.

MARTÍM-BARBERO, Jesús op. cit., CANCLINI, Néstor. op. cit.

elites e dos setores populares. Seja através das práticas de pajelança, seja através de matrizes culturais diversas que através de apropriações e ressignificações passam a ser utilizadas por amplos setores sociais. (FIGUEIREDO, 2008).

A esse respeito, ao se analisar algumas fontes, amplamente utilizadas por uma historiografia de profundo viés tradicional – onde os sujeitos que fariam a história seriam as autoridades constituídas ou membros das elites locais e cuja veracidade seria garantida pelos documentos ditos oficiais – foi encontrado alguns exemplos de comportamentos compartilhados, o que vem ao encontro do que foi analisado nesta pesquisa.

A primeira evidência foi na discussão entre Paes de Carvalho e o major João Maciel da Costa em torno de quem teria proclamado a república no Pará. Fugindo dessa discussão, nesse momento irrelevante, na resposta dada pelo major Maciel no “Diário do Grão Pará” de 22 e 23 de setembro de 1890 às afirmações de Paes de Carvalho contidas no “Diário de Notícias no dia 19 de dezembro de 1889, após refutar o papel de proclamador da república ao Dr. Paes de Carvalho e de sua posição dúbia e vacilante, junto com o presidente do clube republicano do Pará, Justo Chermont, o major Maciel afirma que depois de contatar com Paes de Carvalho na tarde do dia 15 de novembro, logo após receber um telegrama de Quintino Bocaiúva dando notícias da proclamação da República, e da pertinência de se contar aqui no Pará com a adesão das tropas e do clube republicano à república que teria sido proclamada na capital.

Paes de Carvalho teria proposto que se esperasse uma resposta após uma reunião do clube republicano marcada para essa mesma noite. De um informante, o Major Maciel ouviu que no encontro havido, Paes de Carvalho encerrava a discussão propondo o seguinte: “Vamos para as nossas casas, **tomemos as nossas redes** e deitemos com as nossas esposas e vamos aguardar as ordens do Rio de Janeiro”. (MEIRA, 1981: 39).

Após a eleição do Congresso do Pará que elaborou a constituição do estado e que elegeu o primeiro governador republicano pelo voto indireto, Lauro Sodré, houve um levante no dia 11 de junho tendo como líderes, entre outros, Vicente Chermont de Miranda, Major Gama Costa e Veiga Cabral, todos ligados ao Partido Democrático, constituído em sua ampla maioria de ingressos do antigo Partido Liberal da época imperial. Após a derrota, e efetuada a prisão dos principais envolvidos, o major Gama

Costa presta depoimento ao primeiro delegado da polícia no Arsenal de Marinha em 13 de junho de 1891: “(...) Só pela manhã de 11 soube do movimento pela madrugada, foi preso em sua casa, na sala de jantar, deitado em uma rede de maqueira conversando com o Sr. Ayres de Souza e do menino Henrique Lobato”. (MEIRA, 1981: 366).

Silveira, referindo-se a um artigo de jornal de 1878, a respeito de uma peça realizada naquela casa de espetáculos reproduz o seguinte comentário. (SILVEIRA, 2010:131-132)

*“Além dos muitos eventos que por conta própria fizeram os actores na peça de Macedo, lembrou-se a empresa de terminal-as com um samba ou batuque, mais próprio de circo de cavallinhos, ou cousa que o valha, do que um teatro serio. No entanto, para vergonha do nosso publico, foi essa parte mais applaudida da comedia”.*

Figueiredo, reportando-se a José Veríssimo na obra **As Populações indígenas e mestiças da Amazônia**: sua linguagem, suas crenças e seus costumes, [1970, 1887], apresenta um trecho significativo. (FIGUEIREDO, 2008: 101.)

*“Ainda se encontram pessoas, principalmente mulheres velhas, que por dinheiro nenhum dariam o muiraquitã, que à guiza de amuletos pendelhes do pescoço, junto no devoto rosário com figurinha de pau de Santo Antônio, bracinhas de osso (figas) e dentes de animais. De iguais penduricalhos enchem as mãos – muitas de famílias que se têm por civilizadas – os pescoços dos filhinhos, e ajuntam-lhes mais dentes de certas cobras, de boto, pequenos punhos de homem, bicos de acua e outras aves, conchas, olhos de santa Luzia em metal, figurinhas de S. Brás em ossso, para preservá-las de quebranto, caruaras, maus olhados, de moléstias como convulsões, diarréias, mal de olhos e de garganta e outros ataques peculiares à infância”.*

Numa instituição que seria criada entre outras coisas para ajudar no processo de disciplinarização e civilização como a Escola Normal, pode-se encontrar uma correspondência do inspetor José Gentil Raiol em 17 de maio de 1897:

*“Participo a V. S<sup>a</sup> que o alumno da Escola Normal, Raymundo Nonato da Silva e Cunha, ausentando-se 3.<sup>a</sup> feira do estabelecimento foi a taberna do canto e la tomou ½ copo de **cachaça**, cheia a boca que derramou em seus colegas...Censurando o referido alumno, disse-me que não admitia censuras e que não tinha satisfações a dar satisfações de seus atos.”<sup>24</sup>*

Apesar de toda a campanha do intendente Antonio Lemos, entre 1897 e 1911, de inculcar novos hábitos de higiene na população, um leitor escreve a um jornal que os poderosos também não tinham preocupação em cuidar do lixo: “certos melhoramentos

<sup>24</sup> ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO (PARÁ). Escola Normal: Caixa de Petições de Matrícula e de Segunda Época. 1890 , 1893,1894,1897,1898,1899, 1900, 1901, 1902, 1903, 1909, 1910, 1912, 1911,1912,1918.

aqui introduzidos Sr relator, seriam magníficos se fosse todos, gregos e troianos, obrigados a cumpri-los... Mas assim não acontece... das casas de aparência nobre, onde moram thureferarios, dos todos os poderosos deitam lixo no chão, como que desafiando a autoridade dos guardas e fiscais... (SARGES, 2000: 105-106).

Nesses pequenos episódios, como apaludir danças eminentemente plebéias e de negros, dormir em rede, usar práticas de pajelança, tomar cachaça em plena manhã por um aluno da Escola Normal – e restando a dúvida se o inspetor estava mais indignado pelo ato de tomar cachaça, ou de o aluno a ter jogado nos colegas, ou ainda de o aluno o ter enfrentado –, a resistência de novos hábitos seja da cultura erudita ou mesmo de higiene por parte das elites, evidencia-se uma maneira bastante diferente do padrão europeu na qual a elite se representava, além de ser amplamente compartilhado por diversos setores da sociedade. Assim, a cultura da dita *belle époque* é traspassada por várias matrizes culturais inclusive o afroindígena.

Assim, aproxima-se do que Escosteguy afirma: “... não existe um confronto bipolar e rígido entre as diferentes culturas. Na prática, o que acontece é um sutil jogo de intercâmbios entre elas. Elas não são vistas como exteriores entre si, mas comportando cruzamentos, transações, intercecções...” (ESCOSTEGUY, 2006:147).

### **3. Algumas considerações finais:**

O processo de modernização realizado na cidade de Belém do Pará, especialmente entre os anos de 1890 e 1911, constituiu-se como o momento de encontros de práticas culturais distintas dos diversos sujeitos sociais já existentes na cidade como brancos, negros, indígenas e afroindígenas que compartilharão experiências com levas de imigrantes, tanto internos como cearenses e outros grupos nordestinos, e também do exterior como: judeus, sírio-libaneses, italianos, portugueses, espanhóis, italianos.

A modernização não se traduz por uma cópia passiva dos modelos alienígenas, mas que serão adaptados e moldados às condições locais. Quanto aos encontros culturais entre os diversos sujeitos sociais que vivenciam a cidade, serão traduzidos não apenas em conflitos, como também em modos comuns de viver, negociações, ressignificações e apropriações.

#### 4. Referências Bibliográficas:

##### a) FONTES:

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO (Pará). Escola Normal: Caixa de Petições de Matrícula e de Segunda Época. 1890, 1893, 1894, 1897, 1898, 1899, 1900, 1901, 1902, 1903, 1909, 1910, 1912, 1911, 1912, 1918.

Mensagem dirigida ao Congresso Republicano Paraense pelo Governador do Estado do Pará, Dr. José Paes de Carvalho em 1897. **Brazilian Government Document Digitalisation Project**, Provincial Presidential Reports, Pará. Center for Research Libraries: Chicago, USA. Disponível em: <http://www.crl.edu/content/brazil/para.htm>.

Mensagem do Governador Dr. Augusto Montenegro, governador do Pará de 7 de setembro de 1903 ao Congresso Estadual do Pará. **Brazilian Government Document Digitalisation Project**, Provincial Presidential Reports, Pará. Center for Research Libraries: Chicago, USA. Disponível em: <http://www.crl.edu/content/brazil/para.htm>.

Mensagem do Governador João Luiz Coelho, governador do Pará de 7 de setembro de 1910 ao Congresso Estadual do Pará. **Brazilian Government Document Digitalisation Project**, Provincial Presidential Reports, Pará. Center for Research Libraries: Chicago, USA. Disponível em: <http://www.crl.edu/content/brazil/para.htm>.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO. Diretoria Geral de Estatística. Recenseamento do Brasil, 1º de setembro de 1920. Volume IV (1ª parte). População: população do Brasil por Estados, municípios e districtos, segundo o sexo, o estado civil e nacionalidade. Rio de Janeiro: Typ. da Estatística. 1926.

##### b) BIBLIOGRAFIA:

CASTRO, Fábio Fonseca de. **A cidade Sebastiana**: era da borracha, memória e melancolia numa capital da periferia da modernidade. Belém: Edições do Autor, 2010.

DAOU, Ana Maria. **A Belle Époque amazônica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. “Estudos Culturais: uma introdução” In: JOHNSON, Richard et al. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** 3ª ed. 1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FIGUEIREDO, Aldrin, Moura de. **A Cidade dos Encantados**: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia: 1870-1950. Belém: Edefpa. 2008.

FONTES, Edilza (org.) **Contando a História do Pará**. Da conquista à sociedade da borracha. Vol. I. Belém: E. Motion, 2002.

GARCIA-CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4ª ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2008.

GOMES, Flávio dos Santos & QUEIROZ, Jonas Marçal. Em outras margens: Escravidão africana, fronteiras e etnicidade na Amazônia In: PRIORE, Mary e GOMES, Flávio dos Santos (Org.) **Os senhores dos rios**: Amazônia, margens e histórias. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. 2ª reimpressão. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2008.

PACHECO, Agenor Sarraf. **Faces de Identidades Marajoaras:** Zonas de Contato Afroindígenas nas Fronteiras Atlânticas. Artigo apresentado no III Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental “Línguas, Linguagens e Fronteiras” e II Colóquio Internacional “As Amazônia, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia, em 23 a 27 de novembro de 2009 na UFAC.

PANTOJA, Leticia Souto. **Au Jour le Jour** – cotidiano, moradia e trabalho em Belém (1890 a 1910) 2005. Dissertação (Mestrado em História Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

ROCQUE, Carlos. **Antônio Lemos e sua época:** história política do Pará. 2ª ed. revista e ampliada. Belém: Cejup, 1996.

SALLES, Vicente. **O Negro na Formação da Sociedade Paraense:** textos reunidos. Belém Paka-Tatu, 2004.

SALLES, Vicente. **O negro no Pará sob o regime da escravidão.** 3ª ed. rev. ampl. Belém: IAP; Programa Raízes, 2005.

SANTIAGO, Silvano. (coordenador) **Intérpretes do Brasil.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar S/A. 2002.

SILVEIRA, Rose. **Histórias Invisíveis do Teatro da Paz:** da construção à primeira reforma Belém do Grão Pará (1869-1890). Belém. PakaTatu, 2010.